

SIMPÓSIO AT058

UMA ANÁLISE DOS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS EM SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de
Instituto Federal de Alagoas
lessacristiano@gmail.com

SILVA, José Jéfesson Costa da
Instituto Federal de Alagoas
jefessonletras@gmail.com

Resumo: Fundamentando-se em um referencial teórico que trata dos gêneros textuais enquanto formas culturais e cognitivas de ação social (MARCUSCHI, 2008, 2011) e como práticas sociocomunicativas (KOCH e ELIAS, 2006), o presente trabalho objetiva analisar, de modo particular, ações docentes frente aos gêneros orais e suas implicações para o processo de ensino-aprendizagem dessa modalidade de uso da língua em uma escola pública da cidade de Lagoa da Canoa, localizada no agreste alagoano. Para realizar tal ação, buscaram-se fundamentos metodológicos de base qualitativa, uma vez que o interesse é interpretar a situação em estudo sob o olhar dos participantes, bem como seguir uma orientação que objetiva focar o processo e não o resultado (MOREIRA, 2002). Além disso, destacam-se estudos que apontam não somente para o fato de que a linguagem oral como objeto de ensino está longe da realidade dos livros didáticos e das salas de aula (TAGLIANE, 2009; ANTUNES, 2003), mas também para o lugar que a oralidade deve ocupar na escola, já que constitui uma modalidade da língua com mecanismos próprios de funcionamento (MARCUSCHI, 2005; RODRIGUES e DANTAS, 2015). Nesse contexto, evidencia-se a importância de os professores conhecerem os pressupostos que embasam os documentos oficiais e orientam as práticas pedagógicas em sala de aula, como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006), que propõem, como um dos eixos organizadores das ações de ensino, atividades de produção de textos em eventos da oralidade. Portanto, faz-se necessária, ainda, uma discussão que leve em conta não somente o papel que os gêneros textuais orais exercem no exercício da cidadania, mas também a importância da formação inicial e continuada do professor de língua portuguesa, o que refletiria, inevitavelmente, em um ensino mais eficiente.

Palavras-chave: Oralidade; Gêneros Textuais Oraís; Ensino; Língua Portuguesa.

Resumen: Basándose en un referencial teórico que trata de los géneros textuales como formas culturales y cognitivas de acción social (MARCUSCHI, 2008, 2011) e como prácticas sociocomunicativas (KOCH e ELIAS, 2006), este trabajo objetiva analizar, de modo particular, acciones docentes frente a los géneros orales y sus implicaciones para el proceso de enseñanza-aprendizaje de esa modalidad de uso de la lengua en una escuela pública de la ciudad de Lagoa da Canoa, ubicada en el agreste alagoano. Para realizar tal acción, se buscan fundamentos metodológicos de base cualitativa, una vez que el interés es interpretar la situación en estudio bajo la mirada de los participantes, así como seguir una orientación que objetiva enfocar el proceso y no el resultado (MOREIRA, 2002) . Además, se destacan estudios que apuntan no sólo al hecho de que el lenguaje oral como objeto de enseñanza está lejos de la realidad de los libros didácticos y de las aulas (TAGLIANE, 2009, ANTUNES, 2003), sino también para el lugar que la oralidad debe ocupar en la escuela, ya que constituye una modalidad de la lengua con mecanismos propios de funcionamiento (MARCUSCHI, 2005, RODRIGUES y DANTAS, 2015). En este contexto, se evidencia la importancia de que los profesores conozcan los presupuestos que fundamentan los documentos oficiales y orientan las prácticas pedagógicas en el aula, como las orientaciones curriculares para la enseñanza media (BRASIL, 2006), que proponen, como uno de los ejes organizadores de las acciones de enseñanza, actividades de producción de textos en eventos de la oralidad. Por lo tanto, es necesario también una discusión que tenga en cuenta no sólo el papel que juegan los géneros orales en el ejercicio de la ciudadanía, sino también la importancia de la formación inicial y continua del profesor de lengua portuguesa, lo que reflejaría, inevitablemente, en una enseñanza más eficiente.

Palabras clave: Oralidad; Géneros textuales orales; Enseñanza; Lengua portuguesa.

Introdução

Avaliar o ensino de Língua Portuguesa na sociedade atual tem sido uma tarefa desafiadora, tanto pelos problemas de falta de experiência e capacitação de alguns docentes, o que torna o ensino da matéria rígido e de difícil compreensão para os alunos, como pelo fato de haver muita desistência dos estudantes, principalmente no nível médio, sob a prerrogativa de que Português é uma matéria difícil. E analisando por esse ponto de vista o que dizer, então, do ensino dos gêneros textuais?

Segundo afirma Marcuschi (2008), os gêneros textuais são práticas socioculturais e cognitivas utilizadas pelo ser humano para a aprendizagem e

transmissão de mensagens entre a sociedade, sendo assim, como abordam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que regulam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, esses gêneros devem ser tratados de forma singular pelos professores e ensinados passo a passo para os discentes. No entanto, os PCNs não dão um suporte eficiente para orientar o trabalho dos docentes em sala de aula como critica o autor.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil (LDB) estabelece que o ensino de língua deve abordar tanto a parte gramatical e literária quanto o ensino dos mais variados tipos e gêneros textuais. No entanto, a mesma lei é defasada e insuficiente em sua tentativa de estruturar o ensino de gêneros nas escolas, pois a mesma não oferece para os professores mais informações de como elaborar seus planos de aula baseados em gêneros, segundo Marcuschi (2008).

Mas, para se construir um plano de ensino eficaz com base nos gêneros precisa-se, antes, estabelecer uma relação entre oralidade e escrita para a partir desses conceitos podermos levar o aluno a compreender as especificidades entre ambos. E como a instituição da LDB obriga ao professorado realizar tal ato, vários estudos têm se desenvolvido na tentativa de definir oralidade e escrita, dentre eles o trabalho de Marcuschi (2010, p. 17) que afirma:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia.

Sendo assim, o seguinte trabalho tem como objetivo avaliar a didática utilizada pelos professores de Língua Portuguesa no ensino dos gêneros textuais orais em sala de aula de uma escola de ensino médio da rede pública estadual da cidade de Lagoa da Canoa - AL mediante a aplicação de um questionário, elaborado com referência em (SANTOS, 2010. BOTLER, 2013) para se efetivar uma análise qualitativa do ensino de gêneros textuais orais e como os mesmos são tratados em sala de aula.

A escola campo de pesquisa é de pequeno porte, pois a cidade localiza-se na região do Agreste alagoano, a margem da Al 115 e “fica a 142 km da

capital, Maceió. Possui uma Área de 72 km, (...) e a população é de 18.253 habitantes aproximadamente” (PPP E.G.L.C., p. 11, 2018).

Apesar de os livros didáticos trazerem propostas relacionadas ao ensino dos gêneros orais é preciso que o professor saiba o que é um gênero textual oral, pois os livros abordam esses gêneros de forma fragmentada e nem sempre eficaz para o aprendizado e desenvolvimento dos estudantes porque alguns materiais trazem atividades de oralização e não de produção e estudo dos gêneros orais como evidenciado por Tagliani (2009, p. 2). Por isso se faz necessária uma compreensão do que é gênero oral.

Para definir os gêneros textuais orais, recorreremos aos estudos de Travaglia (2013, p. 4), que em seu grupo de pesquisa vem definir de forma mais geral o que são gêneros textuais orais.

Em suas discussões o PETEDI estabeleceu que gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independente de ter ou não uma versão escrita.

Nisto, Travaglia (2013) concorda com Marcuschi (2008) sobre a definição de gêneros textuais orais e escritos quando ele afirma que:

Não se trata de postular que o texto é concebido oralmente ou concebido por escrito sob o ponto de vista cognitivo, mas que a forma original de sua produção é escrita ou oral. (MARCUSCHI, p. 192, 2008).

1. Linguagem oral como objeto de ensino

Como se pode constatar, existe, na atualidade, um desfalque no ensino dos gêneros orais, pois há uma crença equivocada de que não é necessário se ensinar tal gênero nas escolas pelo fato de os estudantes aprenderem essa modalidade da língua em casa e no convívio em sociedade como mostra

Antunes (2003, p. 24). Há:

Uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar; essa omissão pode ter como explicação a crença ingênua de que os gêneros orais da língua estão tão ligados à vida de todos nós que nem precisam ser matéria de sala de aula (cf. MARCUSCHI, 2001, p. 19 *apud* ANTUNES p. 24. 2003).

Seguindo a linha de raciocínio, e ainda de acordo com Antunes (2003, p. 99), podemos concluir que a língua oral deve ser utilizada como objeto de ensino nas escolas porque “não existem diferenças essenciais entre a oralidade e a escrita”. Da mesma forma que os gêneros escritos possuem uma complexidade no momento de aprendê-los, os gêneros orais também a possui, pois existem situações sociais de uso da língua que exigem do falante uma posição linguística mais padronizada na fala, que esteja de acordo com a língua padrão e para isso faz-se necessário que o professor ensine aos alunos, na escola, como falar e se expressar adequadamente dentro dos padrões linguísticos exigidos pelas diferentes situações sociocomunicativas em que se encontram, situação que muitas vezes não se aprende em casa ou no convívio social de forma satisfatória.

2. O papel da oralidade no contexto da sala de aula

Em sala de aula, pode-se ver, na maioria dos casos, que a oralidade é trabalhada em forma de oralização de textos escritos e produção de seminários que geralmente são feitos com uma versão escrita para ser apenas memorizada e recitada por cada pessoa para os demais alunos espectadores.

Geralmente, não é passado para o aluno qual a importância de se expressar oralmente e expor suas opiniões, salvo algumas exceções, para treinar a sua capacidade de se expressar em situações sociodiscursivas diferentes em que se faz necessário ter um controle tanto do léxico quanto do nervosismo.

Sendo assim, o papel da oralidade no contexto da sala de aula seria preparar os alunos para dominarem seus anseios de falar em público e

estimulá-los, através de atividades voltadas para o aprendizado dos gêneros realmente orais, a aprenderem a identificar que tipo de discurso, mais ou menos formal, se deve utilizar em cada situação e em quais momentos cada variação linguística seria mais oportuna.

3. O tratamento da oralidade nos documentos oficiais

A importância do ensino da oralidade pode ser vista até mesmo nos documentos oficiais que orientam a educação no país, pois como já citado anteriormente não basta apenas aprender a usar a oralidade no convívio familiar e social, pois esses momentos não preparam o cidadão para falar em público ou em situações mais formais de comunicação. Por isso, os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) tratam dessa modalidade da língua dentro da sala de aula no sentido de:

Possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no domínio da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros orais que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (BRASIL, 2007b, p. 67). *Apud* (TAGLIANE, 2009).

Dessa forma, podemos ver que além de preparar o aluno para saber como agir nas mais variadas situações comunicativas o ensino dos gêneros orais pode contribuir para o combate ao preconceito linguístico, pois se estará mostrando para o estudante diferentes variações linguísticas regionais como pode-se observar nas Orientações Curriculares Para o Ensino Médio (OCN, 2006).

4. Reflexões sobre as práticas pedagógicas em sala de aula

Através da aplicação de um questionário aos professores colaboradores,

podemos fazer uma análise qualitativa do ensino dos gêneros orais na escola campo, baseando-se, pelo teor das respostas, nas ideias que cada professor tem do que é gênero oral.

Participaram, inicialmente, do nosso projeto quatro professoras de Língua Portuguesa, todas com formação no Curso de Letras. Duas delas informaram que possuem curso de Especialização, uma em Língua Portuguesa, a outra em Língua Inglesa. De acordo com as respostas das professoras, nenhuma participa de Grupo de Pesquisa.

Avaliando o questionário, pudemos perceber que a ideia de trabalhar com os gêneros textuais é muito bem aceita. Todas apontaram para a importância dos gêneros no contexto de sala de aula, afirmando que criam situações para seu uso. A maioria das professoras dão preferência ao ensino dos gêneros escritos, deixando de lado, quase exclusivo, o ensino dos orais como pode-se perceber através das respostas dadas ao questionário sobre quais gêneros pretendem trabalhar no ano letivo. Elas responderam: “Conto, Fábula, Texto de opinião, Artigo de opinião e etc.”, todos gêneros escritos, enquanto que em relação aos gêneros orais foram citados apenas 4: “Debate, Reportagem, Relato Oral e Documentário”.

Nesse contexto, pode-se perceber também a falta de conhecimento da parte de algumas docentes sobre as diferenças entre oralidade e oralização e a persistência em trabalhar atividades de oralização sob o julgo de estarem trabalhando com a oralidade. Para exemplificar, tomamos a fala de P3 e P4, ao afirmarem que trabalharão “Conto, Narrativa de Aventura e Romance”, respectivamente, como gêneros textuais orais quando os mesmos vêm a ser gêneros escritos sendo apenas oralizados.

Também é perceptível a produção de seminários como alternativa para o trabalho com a oralidade. Essa prática é feita, em sua grande maioria, baseada apenas em decorar e recitar pequenos fragmentos de textos em público o que pode ser caracterizado apenas como oralização. As características, bem como a função social de um seminário, muitas vezes, não são levadas em consideração ao ser trabalhado em sala de aula.

Constatamos, após análise preliminar dos dados coletados, que ainda é necessário um maior aprofundamento sobre a questão dos gêneros textuais, mais particularmente os orais, em contexto de sala de aula. Apesar de os documentos oficiais, mencionados neste trabalho, já estarem disponíveis para leituras, confusões terminológicas como as que percebemos persistem nos discursos de professores. É preciso, portanto, um olhar mais atento por parte das instituições que fomentam a formação continuada dos professores da rede pública do Estado de Alagoas.

Referências:

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, volume 1. 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Da fala para a escrita: Atividades de Retextualização**. 10. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

PPP. **Projeto Político Pedagógico da Escola Governador Luiz Cavalcante**. Lagoa da Canoa - AL, 2018.

TAGLIANE, Dulce. **Gêneros orais, livro didático e ensino: Perspectivas de interação**. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gêneros orais – conceituação e caracterização**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.